

Técnico da GV considera juros o maior problema

A reconstrução e recuperação da economia brasileira será mais árdua, com a passagem do tempo, pois quando o Brasil conseguir, finalmente, "colocar a casa em ordem, o ambiente econômico mundial não será mais de reativação, mas estará a caminho da acomodação". A previsão é do economista Yuichi Tsukamoto, da Fundação Getúlio Vargas, de São Paulo, para quem os governantes brasileiros não possuem uma visão no sentido desse quadro.

Fazendo previsões para 1984, Tsukamoto afirma que a reativação da economia norte-americana alcançará o ponto mais alto no início do primeiro semestre do próximo ano e daí iniciará um caminho cíclico de acomodação na taxa de crescimento, chegando a 1986 com uma taxa abaixo de 1% ao ano. A Comunidade Económica Europeia (CEE) não conseguirá obter uma taxa de crescimento econômico acima de 2% em nenhum dos anos de 1983-86, acrescenta.

O estrangulamento econômico, em consequência das metas comprometidas nas contas externas, agravará ainda mais esse quadro, assinala, e o confronto entre a Cacex e a Seap sobre "o excedente agrícola exportável" provocará transtorno na política econômica, aprofundando a recessão.

Segundo o economista, para evitar o agravamento da recessão e sucateamento das indústrias brasileiras, deve-se propor uma reforma fundamental do método de pagamento de juros da dívida externa, como foi sugerido recentemente pelo professor Stephen Kanitz, da USP, ou seja, os principais das dívidas externas serão amortizados com os ajustes inflacionários nos seus respectivos vencimentos e, consequentemente, os juros, após separação dos ajustes inflacionários dos principais, serão pagos semestralmente. Essa modificação, acentua, trará para o Brasil espaço necessário para: a) permitir importações na escala adequada pa-

ra manter a economia num ritmo normal; b) manter o parque industrial brasileiro atualizado tecnologicamente.

CREDIBILIDADE

Com a política econômica atual, diz, "o Brasil assistirá apenas à banda passar na frente da sua janela", ao contrário da Argentina e México. Entre as previsões para 1984, assinala a falta de credibilidade sobre a eficácia da quarta carta de intenção do Brasil ao FMI; o dólar se desvalorizará frente às outras principais moedas; as taxas de juros continuaram altas no mercado interno; haverá subida gradativa das taxas de juros internacionais; os preços dos derivados do petróleo serão aumentados; a CEE se recuperará lentamente e haverá dificuldades para o Brasil aumentar suas exportações para essa área, o cruzeiro será maxidesvalorizado em 20% e o crédito-prêmio as exportações, reduzido.

Além disso, prevê o crescimento dos movimentos sindicais no ABC; a renegociação da dívida externa brasileira; a acomodação de preços de commodities e do petróleo; safra agrícola abaixo de 51 milhões de toneladas de grãos; dificuldades no aumento de exportações de produtos industrializados; pressão para exportar produtos agrícolas; escassez de produtos alimentares e transtorno no processo de sucessão presidencial.

INFLAÇÃO

Durante os nove primeiros meses do próximo ano — previu — a inflação na base de 12 meses permanecerá no patamar acima de 200% com o pico de 235% em maio de 1984 (no auge dos movimentos sindicais). Somente a partir de outubro a inflação na base de 12 meses passa a ser menor que 200%, observou. O ano terminará, na sua opinião, com inflação anual de 178% e variação da ORTN (inflação expurgada) ao redor de 150%.